

senhores do orvalho



CARAMBAIA

senhores do orvalho



jacques roumain

TRADUÇÃO monica stahel
POSFÁCIO eurídice figueiredo

!

—

– Todos nós vamos morrer... – e ela mergulha a mão na poeira: a velha Délira Délivrance diz: todos nós vamos morrer: os animais, as plantas, os cristãos vivos, ó Jesus Maria Virgem Santa; e a poeira escorre entre seus dedos. A mesma poeira que o vento faz baixar com um sopro seco sobre a plantação de painço devastada, sobre a alta barreira de cactos corroídos pelo azinhavre, sobre as árvores, aquelas algarobas cor de ferrugem.

A poeira sobe da estrada, e a velha Délira está acocorada diante de sua choupana, ela não levanta os olhos, meneia a cabeça lentamente, seu lenço deslizou para o lado e vê-se uma mecha de cabelo cinzenta que parece salpicada da mesma poeira que escorre entre seus dedos como um rosário de miséria; então ela repete: todos nós vamos morrer e chama o bom Deus. Mas é inútil, pois há tantas pobres criaturas que clamam pelo bom Deus com toda a força que o barulho é enorme e incômodo, e o bom Deus ouve e

grita: que barulho infernal é esse? E ele tapa os ouvidos. É a verdade e o homem está abandonado.

Bienaimé, o marido, fuma seu cachimbo, na cadeira encostada no tronco de uma cabaceira. A fumaça ou sua barba algodoada voa ao vento.

– Sim – diz ele –, verdade, o negro é uma pobre criatura.

Délira parece não ouvir.

Um bando de corvos baixa sobre os cactos-candelabros. Seu grasnado rouco rasca o entendimento, depois deixam-se cair em revoada no campo calcinado, como pedaços de carvão dispersos.

Bienaimé chama: Délira? Délira, ô! Ela não responde.

– Mulher – ele grita.

Ela levanta a cabeça.

Bienaimé brande o cachimbo como um ponto de interrogação:

– O Senhor é o criador, não é verdade? Responde: o Senhor é o criador do céu e da terra, não é verdade?

Ela faz que sim; mas de má vontade.

– Pois bem, a terra está em dor, a terra está na miséria, então o Senhor é o criador da dor, é o criador da miséria.

Ele dá curtas tragadas triunfantes e lança um longo jato sibilante de saliva.

Délira lança para ele um olhar cheio de raiva:

– Não me atormenta, maldito. Será que já não chega a minha aflição? A miséria eu conheço. Meu corpo todo está doendo, meu corpo todo está parindo a miséria, eu mesma. Ninguém precisa me contar a maldição do céu e do inferno.

Depois com enorme tristeza, e os olhos cheios de lágrimas, ela diz baixinho:

– Ó Bienaimé, *nègre à mou!*...

Bienaimé tosse violentamente. Talvez quisesse dizer alguma coisa. A desgraça transtorna como a bile, sobe para a boca e então as palavras ficam amargas.

Délira se levanta com dificuldade. É como se fizesse um esforço para recompor o corpo. Todas as tribulações da existência amarfanharam seu rosto negro, como um livro aberto na página da miséria. Mas há nos seus olhos uma luz de manancial e por isso Bienaimé desvia o olhar.

Ela deu alguns passos e entrou na choupana.

Além das algarobas, um vapor se eleva onde se perde, num desenho borrado, a linha meio apagada dos morros longínquos. O céu não tem uma fissura. Não é mais que uma placa metálica ardente.

Atrás da casa, a colina arredondada parece uma cabeça de negra com cabelos de grãos de pimenta: mato ralo em tufos espaçados, rente ao chão; mais longe, como um ombro escuro contra o céu, outro morro se ergue percorrido por sulcos cintilantes: as erosões desnudaram longas carreiras de rochas: sangraram a terra até o osso.

Certamente fizeram mal em desmatar. Quando o finado Josaphat Jean-Joseph, pai de Bienaimé, ainda era vivo, as árvores lá no alto eram densas. Incendiaram a mata para

1 Em crioulo no original: "Negro meu". [TODAS AS NOTAS SÃO DESTA EDIÇÃO.]

fazer plantações de víveres: plantaram ervilha-do-congo na planura, milho na encosta.

Trabalharam arduamente, negros persistentes, trabalhadores da terra que sabem que não levarão um pedaço à boca se não o tiverem extraído do solo por um labor duro. E a terra tinha respondido: é como uma mulher que primeiro se debate, mas a força do homem é a justiça, então ela diz: pode gozar...

Na época, viviam todos em harmonia, unidos como os dedos da mão, e o *coumbite*² reunia a vizinhança para a colheita e o arado.

Bienaimé se levanta, caminha com passos vacilantes para o campo. Um mato seco como estopa invadiu o canal. Há muito tempo as hastes dos juncos se abateram, misturando-se à terra. O fundo do canal está gretado como porcelana velha, esverdeado pelas matérias vegetais apodrecidas. Antes, a água corria livre por ele, ao sol: seu murmúrio e sua luz compunham um doce riso de facões. O painço crescia denso, impedia que da estrada se avistasse a choupana.

“Ah, os *coumbites*”, devaneia Bienaimé... Desde cedo, ele estava ali, sério chefe de brigada, com seus homens, todos camponeses de muita coragem: Dufontaine, Beau-séjour, primo Aristhène, Pierrilis, Dieudonné, cunhado Mérilien, Fortuné Jean, compadre Boirond, o *simidor*³ Antoine: negro com habilidade para cantar, capaz de agitar

² Modo de organização do trabalho rural coletivo, próprio do Haiti.

³ Cantador que anima festas, velórios, feiras e que, nos *coumbites*, marca o ritmo do trabalho com seu canto e com o tambor.

com sua língua mais malícias do que dez comadres juntas, mas sem maldade, só por diversão, palavra de honra.

Entravam no capim-guiné! (Os pés descalços no orvalho, o céu pálido, o frescor, o carrilhão de galinhas-d'angola selvagens ao longe...). Pouco a pouco, as árvores escurecidas, com a folhagem ainda carregada de farrapos de sombra, retomavam suas cores. Um óleo de luz as banhava. Um véu de nuvens cor de enxofre cingia os cumes dos morros altos. A terra emergia do sono. No quintal de Rosanna, o tamarineiro lançava de repente, como um punhado de seixos, um turbilhão estridente de gralhas.

Casamajor Beaubrun, sua mulher Rosanna e seus dois filhos os cumprimentavam. Diziam: irmãos, obrigado, sim; questão de polidez, porque serviço se presta de boa vontade; hoje lavro seu campo, amanhã você lavra o meu. A ajuda mútua é a amizade dos infelizes, não é?

Um instante depois, chegavam por sua vez Siméon e Dorisca, com uns vinte negros fortes.

Deixavam Rosanna com seus afazeres à sombra do tamarineiro, às voltas com seus caldeirões e os grandes recipientes de lata, dos quais já subia o balbucio volúvel da água fervendo. Délira e outras vizinhas viriam mais tarde para dar uma mão.

Os homens iam-se com a enxada nas costas. O terreno a ser limpo era na curva do caminho, protegido por uma paliçada de bambus entrecruzados. Trepadeiras de flores malva e brancas agarravam-se a ela em moitas desordenadas; nos casulos dourados dos melões-amargos abria-se uma polpa vermelha como um veludo mucoso.

Afastavam as estacas móveis da paliçada. Na entrada do terreno, um crânio de boi branqueava num mourão. Agora mediam a tarefa com o olhar: aquele quadrado⁴ de mato enredado em plantas rasteiras. Mas a terra era boa, eles a deixavam limpa como o tampo de uma mesa recém-aplainada. Naquele ano, Beaubrun queria tentar plantar berinjelas.

– Em linha! – gritavam os chefes de brigada.

O *simidor* Antoine levava atravessada a tiracolo a correia do tambor. Bienaimé tomava o lugar de comando diante da fila de seus homens. O *simidor* fazia um prelúdio com batidas breves, depois o ritmo crepitava sob seus dedos. Com um impulso unânime, erguiam as enxadas no ar. Um raio de luz batia nas lâminas: por um segundo, eles brandiam um arco de sol.

A voz do *simidor* elevava-se rouca e forte:

– *A té...*⁵

De uma só vez, as enxadas baixavam com um baque surdo, atacando a pelagem malsã da terra.

– *Femme-la dit, mouché, pinga ou touché mouin, pinga-eh.*

Os homens avançavam enfileirados. Sentiam nos braços o canto de Antoine, as pulsações precipitadas do tambor como um sangue mais ardente.

⁴ Antiga medida agrária equivalente a cerca de 1,30 hectare.

⁵ Os versos da canção do *simidor* estão em crioulo no original: “Ao chão.../ A mulher diz: senhor, cuidado para não me tocar”.

E de repente o sol aparecia. Borbulhava como uma espuma de orvalho sobre o campo de capim. Honra e respeito, mestre sol, sol nascente. Mais terno e quente do que penugem de pintinho no dorso redondo do morro, todo azulado, por mais um instante, na frieza da madrugada. Aqueles homens negros o saúdam com um balanço das enxadas que arranca do céu vivas lascas de luz. E a folhagem rasgada dos pés de fruta-pão, remendada de azul, e o fogo do flamboyant por tanto tempo latente sob a cinza da noite e que, agora, explode numa fogueira de pétalas na orla das Algarobas.

O canto obstinado dos galos se alternava entre um terreno e outro.

A fila movediça dos camponeses retomava o novo refrão num só bloco de voz:

A té

M'ap mandé qui moune

Qui en de dans caille là

Compè répond:

C'est mouin avec cousine mouin

*Assez-é!*⁶

Brandindo as enxadas de cabo longo, coroadas de raios, e deixando-as cair com violência precisa:

⁶ Em crioulo no original: “Ao chão/ Eu pergunto/ Quem está nessa choupana/ Compadre responde:/ Sou eu com minha prima/ Chega pra lá, ô”.

Mouin en dedans déjà

En l'ai-oh!

Nan point taureau

Passé taureau

En l'ai, oh⁷

Uma circulação rítmica se estabelecia entre o coração pulsante do tambor e os movimentos dos homens: o ritmo era como um fluxo potente que os penetrava até o fundo das artérias e alimentava seus músculos com vigor renovado.

O canto enchia a manhã inundada de sol. O vento o levaria para além das colinas rumo ao planalto de Bellevue, e comadre Francilla (ela está na frente de sua choupana, debaixo do caramanchão de vinha selvagem, no meio do bater de asas e dos pios das aves para as quais joga grãos de milho), eu dizia: minha comadre Francilla se voltaria para o rumor da planície – sim, ela o faria, é a boa estação – e levantaria a cabeça para ver o céu mostrar, sem uma escama de nuvem, como uma tigela de porcelana emborcada, que não continha um pingo de chuva.

O canto tomaria o caminho dos juncos, ao longo do canal, subiria até a fonte que espreita do sovaco do morro, no cheiro forte das samambaias e dos inhames macerados na sombra e na transpiração secreta da água.

Talvez uma jovem negra da vizinhança: Irézile, Thérèse, Georgina... esteja terminando de encher suas cabaças.

7 Em crioulo no original: “Já estou aqui dentro/ Pra cima, ô/ Não há mais touro/ Do que o touro/ Para cima, ô”.

Quando sai da correnteza, pulseiras de frescor se desfazem em torno de suas pernas. Deposita as cabaças num cesto de vime que equilibra na cabeça. Anda pela trilha úmida. Ao longe, o tambor solta uma colmeia de sons zumbidores.

“Irei mais tarde”, diz a si mesma. “Fulano vai estar lá.” (É seu namorado.)

Um calor a invade, uma languidez feliz. Ela se apressa com longas pernadas, os braços balançando. Suas ancas rolam com uma doçura maravilhosa. Ela sorri.

Acima das algarobas flutuam farrapos de fumaça. Nas clareiras, os carvoeiros desentulham os montículos sob os quais a madeira verde queimou em fogo paciente.

Uma árvore é feita para viver em paz na cor do dia e em amizade com o sol, o vento, a chuva. Suas raízes se afundam na fermentação gordurosa da terra, aspirando as essências elementares, os sumos fortificantes. Parece sempre perdida num grande sonho tranquilo. A subida escura da seiva a faz gemer nas tardes quentes. É um ser vivo que conhece o correr das nuvens e presente as tempestades, porque é cheia de ninhos de pássaros.

Estival limpa com as costas da mão os olhos avermelhados. Da árvore mutilada, só resta o esqueleto calcinado das ramagens espalhadas na cinza: uma carga de carvão que sua mulher vai vender no povoado de La Croix-des-Bouquets.

Pena que ele não possa responder ao convite do canto, a fumaça lhe secou a garganta. Sua boca está amarga como se ele tivesse ruminado uma pasta de papel. Certamente lhe faria bem uma beberagem de canela – não, de anis, é

mais refrescante, um gole longo de álcool até o fundo do estômago.

– Rosanna, querida... – ele diria.

Ela conhece sua fraqueza e rindo lhe ofereceria a medida de três dedos em leque.

Ele cospe grosso e volta a remexer o monte de terra misturada com cinza.

Por volta das onze horas, a mensagem do *coumbite* se enfraquecia: já não era o coro compacto das vozes apoiando o esforço dos homens; o canto hesitava, elevava-se sem força, as asas cortadas. Às vezes voltava, perfurado de silêncio, com vigor decrescente. O tambor ainda gaguejava um pouco, mas já não tinha nada de seu chamado jovial quando, ao amanhecer, o *simidor* o martelava com uma autoridade sábia.

Não era apenas a necessidade de descanso: a enxada que se tornava cada vez mais pesada para manejar, o jugo do cansaço na nuca rígida, o aquecimento do sol; é que o trabalho terminava. No entanto, mal tínhamos parado, o tempo de engolir um trago de tafiá, de relaxar os rins – no corpo é o que há de mais recalcitrante, os rins. Mas aqueles camponeses dos morros e das planícies, por mais que os burgueses da cidade os chamassem por escárnio de negros-pé-no-chão, negros descalços, negros-dedão-do-pé (pobres demais para comprar sapatos), tanto pior e à merda com eles, porque, quanto à coragem no

trabalho, somos perfeitos; e fiquem sabendo, um dia vamos meter nossos pés grandes de trabalhadores da terra no seu rabo, canalhas.

Tinham cumprido uma tarefa dura. Desbastaram, alisaram, limparam a face hirsuta do campo; o mato daninho juncava o solo. Beaubrun e seus filhos o juntavam para queimá-lo. O que antes era erva inútil, espinheiros, moitas emaranhadas em cipó, voltaria como cinzas fertilizantes à terra revolvida. Beaubrun estava todo contente.

– Obrigado, vizinhos – Beaubrun repetia.

– Às ordens, vizinho – nós respondíamos. Mas depressa: não havia mais tempo para cortesias. A comida esperava. E que comida, que comilança. Rosanna não era uma negra mesquinha, era justo reconhecer. Todos aqueles que, por despeito, tinham falado mal dela: porque era uma mulher séria, que não se devia desrespeitar, uma pessoa com quem não se podia falar bobagem, faziam seu mea-culpa. É que, já na curva do caminho, um aroma vinha ao encontro deles, saudava-os positivamente, envolvia-os, penetrava-os, abria-lhes no estômago o vazio agradável da fome.

O *simidor* Antoine, que apenas dois dias antes recebera de Rosanna, quando lhe lançara um gracejo canalha, detalhes de espantosa precisão sobre a libertinagem da própria mãe, suspirou com solene convicção, aspirando com as narinas dilatadas as emanções das carnes:

– Beaubrun, meu caro, sua senhora é uma bênção...

Nos caldeirões, nas caçarolas, nas escudelas, enfileiravam-se grelhado de porco apimentado de queimar a boca,

milho moído com bacalhau e, se alguém quisesse arroz, também havia: arroz misto com feijão-vermelho e carne de porco salgada. E banana, batata, inhame à vontade.

Bienaimé dá alguns passos e está à beira da estrada. Apoiase nas estacas entrecruzadas da paliçada. Do outro lado, é o mesmo desalento: a poeira se levanta, rodopia em turbilhões espessos e cai sobre os cactos, a erva daninha é rala, consumida rente ao chão, como uma calva.

Antigamente nessa estação, desde a manhã o céu se punha cinzento, as nuvens se juntavam infladas de chuva, não uma chuva abundante, não, quando as nuvens vazavam como sacos cheios demais, um chuisquinho, mas persistente com algumas aberturas de sol. Não era suficiente para encharcar a terra, mas a refrescava, preparava-a para os grandes aguaceiros, lustrava os brotos novos de milho e de painço: com ajuda do vento e da luz. Dos galhos do pau-campeche revoavam a todo instante um bando de hortulanias; no Ângelus, as galinhas-d'angola selvagens vinham friorentas beber ao longo das poças à margem do caminho e, quando espantadas, levantavam voo pesadamente, entorpecidas e viscosas de chuva.

Depois o tempo começava a mudar: por volta do meio-dia um calor untuoso envolvia os campos e as árvores derreadas; um vapor fino dançava e vibrava como um exame no silêncio que só era perturbado pelo estrídulo acre dos grilos.

O céu se decompunha em bolhas lívidas que avançavam pela tarde e se moviam pesadamente por cima dos morros, percorridos por raios e trovões que ecoavam abafados. O sol só aparecia, nas raras rupturas das nuvens, como um brilho longínquo, de uma palidez cor de chumbo que feria o olhar.

Ao fundo do horizonte subia de repente um rumor confuso e crescente, um sopro enorme e furioso. Os camponeses que se tinham demorado no campo apertavam o passo, enxada no ombro; as árvores se dobravam de súbito; uma cortina de chuva se aproximava, violentamente agitada no uivo ininterrupto da tempestade. A chuva já estava ali: primeiro alguns pingos quentes e precipitados, depois, traspastado por raios, o céu escuro se abria para a chuvarada, a avalanche, o aguaceiro torrencial.

Bienaimé, na varanda estreita fechada por uma balaustrada vazada e protegida pelo beiral do telhado de palha, contemplava sua terra, sua boa terra, suas plantas encharcadas, suas árvores balançando ao cantar da chuva e do vento. A colheita seria boa. Ele penara sob o sol ao longo de dias. Aquela chuva era sua recompensa. Satisfeito, via-a cair em redes compactas, ouvia-a martelar na laje de pedra diante do caramanchão. Tanto e tanto milho, tanta ervilha-do-congo, o porco engordado: renderia um blusão novo, uma camisa e talvez o potro baio do vizinho Jean-Jacques, se ele baixasse o preço.

Tinha esquecido Délira.

– Esquenta o café, mulher – ele diz.

Sim, também compraria para ela um vestido e um lenço.

Encheu o pequeno cachimbo de argila. Aquilo era viver em harmonia com a terra.

Mas tudo isso era passado. Dele só restava um gosto amargo. Já estávamos mortos naquela poeira, naquela cinza tépida que cobria o que outrora fora a vida, oh! Não era uma vida fácil, não era mesmo, mas eles tinham ânimo e, depois de pelear com a terra, depois de abri-la, virá-la e revirá-la, molhá-la de suor, depois de inseminá-la como a uma fêmea, vinha a satisfação: as plantas, os frutos e todas as espigas.

Tinha pensado em Jean-Jacques e lá vem ele pelo caminho, agora tão velho e tão inútil quanto ele, Bienaimé, conduzindo um burro magro e deixando a corda se arrastar na poeira.

– Irmão – ele cumprimenta.

E o outro responde do mesmo modo.

Jean-Jacques pede notícias da comadre Délira.

Bienaimé diz: “Como vai minha comadre Lucia?”.

E eles se agradecem.

O burro tem uma grande ferida no lombo e estremece sob as picadas das moscas.

– Até logo, então – diz Jean-Jacques.

– Até logo, meu negro – diz Bienaimé.

E ele vê o vizinho se afastar com o burro rumo ao bebedouro, aquele charco estagnado, aquele olho de lama coberto por um leucoma esverdeado onde todos bebem, homens e animais.

Faz tanto tempo que ele partiu, agora deve estar morto, ela imagina. A velha Délira pensa em seu menino. Manuel é o nome dele, ele partiu há anos para cortar cana-de-açúcar em Cuba. Agora deve estar morto, em país estranho, ela repete. Ele tinha dito uma última vez: mãe... Ela o beijou. Apertou nos braços aquele rapaz alto que fora seu na profundidade de sua carne e de seu sangue, que saíra dela, de sua carne e de seu sangue, e que se tornou aquele homem para quem ela murmurava através das lágrimas: “Vai, meu filho, a Virgem da Alta Graça te proteja”; e ele virou a curva da estrada e desapareceu, ó filho do meu ventre, alegria da minha vida, tristeza da minha vida, meu menino, meu único menino.

Ela para de moer o café, acorada no chão. Não tem mais uma lágrima, mas parece que o coração lhe ressecou no peito e que ela se esvaziou de toda vida, a não ser daquele tormento incurável que lhe dá um nó na garganta.

Ele deveria voltar depois da *zafra* – que é como os espanhóis chamam a colheita. Mas não voltou. Ela o esperou, mas ele não voltou.

Às vezes dizia a Bienaimé:

– Eu queria saber onde está Manuel.

Bienaimé não respondia. Deixava o cachimbo apagar. Saía pelos campos.

Ela voltava a dizer mais tarde:

– Bienaimé, pai, onde está nosso filho?

Ele respondia bruscamente:

– Deixa a tua boca em paz.

Mas ela sentia pena de suas mãos, que tremiam.

Esvaziou a gaveta do moinho, despejou outros grãos, retomou a manivela. Não era uma tarefa dura, mas ela sentia-se exausta, farta de ficar ali, sem movimentos, seu velho corpo gasto abandonado à morte que a confundiria, finalmente, com aquela poeira, numa noite eterna e sem memória.

Começou a cantarolar. Era como um gemido, um lamento da alma, uma acusação infinita a todos os santos e àquelas divindades surdas e cegas da África que não a ouviram, que viraram as costas à sua dor e a suas tribulações.

Ó Virgem Santa, em nome dos santos da terra, em nome dos santos da lua, em nome dos santos das estrelas, em nome dos santos do vento, em nome dos santos das tempestades, eu te suplico, por favor, protege meu filho em país estrangeiro, ó Senhor das Encruzilhadas, abre-lhe um caminho sem perigos. Amém.

Não tinha ouvido Bienaimé voltar.

Ele se sentou perto dela. No dorso do morro, via-se um avermelhado turvo. Mas o sol estava ausente, já caía atrás das florestas. Logo chegaria a noite, envolvendo em silêncio aquela terra amarga, mergulhando na sombra tranquila do sono aqueles homens entregues à desgraça, e depois a aurora se ergueria com o canto roufenho dos galos, o dia começaria de novo, igual ao outro e sem esperança.



Ele disse ao motorista do caminhão: “Pare”.

O motorista olhou-o, espantado, mas desacelerou. Nenhuma choupana à vista: estavam exatamente no meio da estrada. Só havia uma planície de algarobas, de burseras e de moitas entremeadas por cactos. A linha das montanhas corria a leste, não muito alta, de um cinza violáceo que ao longe se desbotava e se confundia com o céu.

O motorista freou. O estrangeiro desceu, puxou um saco e o jogou sobre o ombro. Ele era alto, negro, vestia um casaco abotoado até o alto e uma calça de tecido rústico azul presa nas polainas de couro. Levava um facão comprido na bainha pendurado de lado. Tocou a aba larga do chapéu de palha e o caminhão arrancou.

Com uma olhada, o homem saudou de novo aquela paisagem reencontrada: claro que tinha reconhecido sob a massa compacta de zimbros o caminho quase invisível entre o amontoado de rochas do qual irrompia a haste dos agaves coroada por um cacho de flores amarelas.